

O desenho parece pender, como se estivesse derretendo através do volume na base à esquerda e à direita. Talvez tenha sido acidental, mas o fato é que a sensação de maleabilidade acaba sendo reforçada pelos rastros escorridos deixados na parte inferior do desenho pelo *spray* verde e pelo branco. Dessa forma, a abertura na parte superior mais parece uma rachadura, como se o objeto estivesse cedendo pela força exercida nas extremidades.

Os grafites de MFR são sempre uma procura por um resultado plástico que instigue o observador, que provoque a busca por uma leitura sem pistas, sem uma referência, inclusive no sentido da leitura. É comum, por exemplo, dispor das letras (ou o que restou delas) de ponta-cabeça.



Figura 85. Canela. MFR

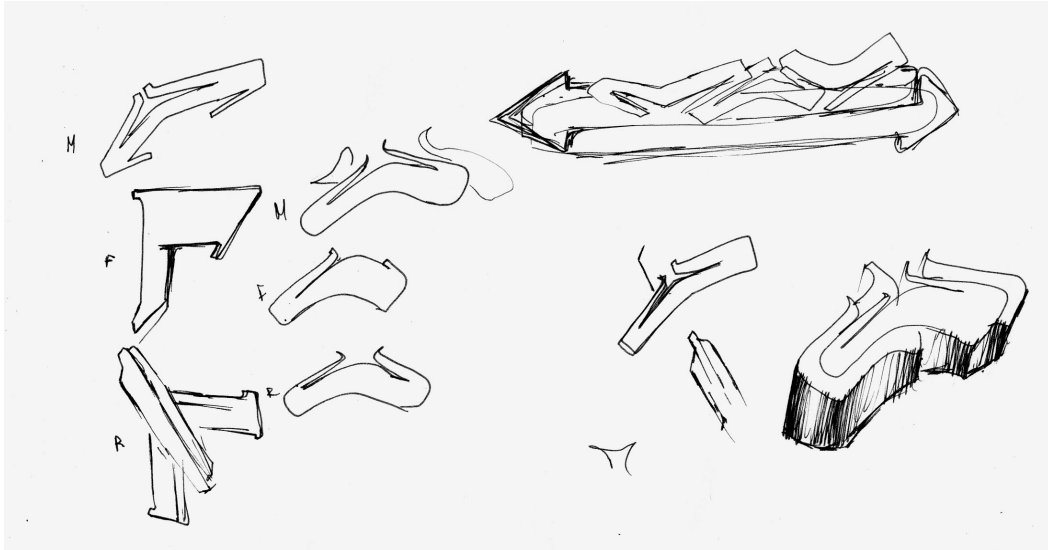


Figura 86. Esboços.

Seus esboços demonstram que o autor elabora o desenho bidimensional através de encaixes de letras tridimensionais, assim como a supressão de partes das letras, distorções acentuadas e uma esquematização que lembra manuais ou infográficos.

A figura 85 nos mostra que, ao utilizar o *spray* para fazer uma pintura homogênea (chapada), pouco ou nada pode ser revelado sobre a técnica empregada. O mesmo não acontece com o graffiti da figura 84 que imprime diferentes “jatos” com o *spray* revelando a aerografia no *degradée*.

GRAFFITI: TEATRO URBANO ESCRITURAL

Figura 87. Caligrafia. MFR

A caligrafia revela um desenho de características técnicas, que lembra a letra desenvolvida pelos arquitetos. Utiliza as iniciais em caixa alta (maiúsculas) e o restante em versalete (letras que guardam o desenho da caixa alta mas com altura das

correspondentes em caixa baixa). Mantém na caligrafia a estética de encavalamento ou sobreposição de letras encontrada no graffiti.

Com exceção apenas para a inicial “T” da segunda palavra, todas as outras ora se tocam numa completa ausência de *tracking*, ora de sobreposição, levando a um traço, para em sua continuidade, chegar ao desenho de outra letra e assim por diante.